

“NUNCA MAIS VOLTEI” DE ALEXANDRE WILLER E A POTÊNCIA DA EMPATIA VIA LITERATURA: UMA RESENHA AUTOETNOGRAFICA

"NUNCA MAIS VOLTEI", BY ALEXANDRE WILLER AND THE POWER OF EMPATHY THROUGH LITERATURE: AN AUTOETHNOGRAPHIC REVIEW

Daniel Manzoni-de-Almeida¹

Resumo: Em 2020 o escritor Alexandre Willer lança o seu novo livro “Nunca mais voltei”. Aqui faço uma resenha de análise autoetnográfica para relatar o impacto da leitura do escrito de Willer no meu cotidiano como professor e homem gay.

Abstract: In 2020, the writer Alexandre Willer launches his new book “Nunca mais voltei” (Never again). Here I do a review of autoethnographic analysis to report the impact of reading Willer's writing on my daily life as a teacher and gay man.

Para essa resenha me filio a maneira de análise do texto por meio do processo autoetnografia como proposto por Ellis, Adams e Bochner (2010). O método autoetnográfico diferente da etnografia tradicional, pois tem por base que a subjetividade do pesquisador é, principalmente e também, o principal objeto de estudo. Nos estudos literários essa metodologia ainda e pouco utilizada como maneira de explorar a construção da leitura do crítico literário do texto de literatura. Eline Marques dos Santos é a primeira a trazer essa perspectiva de investigação na sua dissertação de mestrado “Interpretação e subjetividade: Uma leitura autoetnográfica de Nove Noites” de 2016 ao ler um texto literário e expor os bastidores da sua leitura e formação da crítica da obra a partir da sua perspectiva contextualizada histórica e social. Considero que para além de afecções básicas de sentimentos privados e muitos divididos com o coletivo que o processo de leitura de um texto literário pode

¹ Doutorando em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas – Brasil. E-mail: danielmanzoni@gmail.com.

impulsionar tomadas de decisões importantes para a sociedade nas mãos de um crítico literário com o poder da palavra e formação de opinião. Assim, aqui reforço que as impressões subjetivas, delineamento dos bastidores da leitura e afetações que o texto causou em mim, enquanto pesquisador e crítico, foram importantes para a interpretação do texto literário e que são importantes que sejam divididos com a crença que a minha individualidade enquanto professor, pesquisador, escritor gay podem ser identificados e somar ao coletivo de vozes, nas mesmas condições, que talvez possam estar silenciadas e oprimidas. Também, claro, que a escolha por esse caminho para análise do texto escolhido não foi gratuita, mas foi pela impossibilidade de se estar neutro, como homem gay, diante de um texto escrito por um escritor também homem gay que escreve como maneira de entender sua comunidade. A soma dessa ligação entre escritor, texto e leitor crítica resulta na exposição da experiência do pensamento e tentativa de entendimento da nossa condição de homens gays no mundo e em um país claramente autoritário e LGBTQIA+ fóbico.

A felicidade está no meio do caminho e no fim como podemos tirar como síntese da obra seminal “A ética a Nicómaco” do estagirita e clássico Aristóteles. O difícil é perceber esse meio do caminho, ter a serenidade e consciência sobre, sem antes nos colocar no lugar do outro e tal atitude e o que se e chamado de empatia. Talvez o lugar do escritor, como forma de entender o mundo a sua volta, seja, como um ator ou antropólogo, fazer esse exercício: de se colocar no lugar do outro para sentir aquilo que ele sente. Poucos escritores, em verdade, conseguem. Muitos tomam a postura do julgamento em detrimento a descrever aquilo que a si ou outrem possam estar sentindo. Em especial, na literatura contemporânea em que o “eu” está mais em evidência e a descrição de outrem passa a ser secundária. Porém, Alexandre Willer, escritor paulistano e regionalista urbano da metrópole de São Paulo, toma esse lugar para si e o faz em “Nunca mais voltei”, seu novo livro lançado em 2020. Willer em “Nunca mais voltei” faz um laboratório de empatia para nos mostrar que já estamos felizes no meio da nossa caminhada.

Não foi difícil perceber isso, pois Willer é claro e objetivo em mostrar sua lupa de emoções já nos seus textos diários em seu blog². Era uma noite de sábado, próxima a porta de saída do inverno, quando entrei no apartamento de Willer para buscar meu exemplar do livro que ele havia recentemente

² Blog de Alexandre Willer: <http://afternonsense.blogspot.com/>

publicado. Somos vizinhos de poucas quadras, no centro da cidade de São Paulo, no bairro de Santa Cecília, o que hoje nós podemos ser classificados como “santa ceciliers”. Um livro de nome peculiar, “Nunca mais voltei”, que fez minha curiosidade exagerada a querer começar logo a leitura quando eu voltasse para meu apartamento, logo ali gelado e solitário, no meu abandono recente. Fazia poucas semanas que meu relacionamento de alguns anos havia sido interrompido sem qualquer oportunidade de saber se eu queria o termino ou não. Foi apenas comunicado que eu já não fazia mais parte da vida do outro. Empatia sentimental em Santa Cecília é artigo de luxo. “Fui montando o livro com textos que eu havia escrito e tentei dar um sentido, uma lógica interna ao livro”, me disse Alexandre enquanto me servia um *drink* de Gim tônica com frutas vermelhas acompanhado com comidinhas de patê de sardela e outro de manjerição. E eu ali observando o tamanho do livro, de um pequeno quadrado amarelo simpático, percebendo que configurava a mesma arquitetura do apartamento do escritor. Um apartamento sinteticamente pequeno e agradável que divide por dezoito anos com seu companheiro. Tao sintético que não me foge ao comparativo de que o livro de Alexandre reproduza a arquitetura do seu apartamento: confortavelmente pequeno e satisfeito. A impressão de uma vida sintética de Alexandre e seu marido causaram uma impressão tão gostosa de que a felicidade está no meio do percurso e cabe em uma caixinha. Folheava o livro, com os dedos ansiosos e ainda com a cabeça pesada da sensação do assalto dos sentimentos que vivia, escutava Alexandre falar, com orgulho, da sua obra. Eu tinha a opção de receber o livro pelo correio, mas eu precisava visitar o escritor e buscar meu exemplar do livro pessoalmente. Aquele nome de livro, “Nunca mais voltei”, de capa amarelo manga, chamativa como um sinal de atenção de um semáforo, ou a cor de um girassol maduro havia me encantado, como um canto de sereias, desde o primeiro momento que eu vira circulando pela internet.

O mais intrigante, ainda mais que a estética sintética do livro, era que aquele título de livro, “Nunca mais voltei”, a primeira vista me soava como uma afronta de alguém, uma tentativa de posicionamento ou xingamento, que havia sido maltratado em uma situação e dava uma resposta de “então e isso: nunca mais voltei”. Eu estava impregnado desse sentimento e fui fisgado pelo título, com a esperança de identificação e analgésico a minha dor. Em verdade era a frase que eu precisava dizer e não estava com coragem, mas aquele título de livro dizia por mim. Eu precisava buscá-lo e tê-lo nas minhas mãos pelas mãos diretamente do escritor como se eu ganhasse, assim, a permissão de

dizer aquela frase que eu queria dizer e estava com saldo negativo de coragem no coração. Estar com Willer era poder captar a coragem de dizer “Nunca mais voltei”. O que eu buscava era algo para além da leitura técnica, de descobrir uma linha tênue de crítica para o mais novo romance lançado por um escritor que eu acompanhava por blogs e redes sociais. Eu buscava a potência do abraçado, por meio da literatura, de alguém que tinha a coragem de dizer “nunca mais voltei” em um momento que eu era pedaços. O livro de Willer e a experiência que a leitura poderia me trazer já estava impregnada do que eu vivia e não conseguiria separar.

Devorei com fome todas as torradas com patês que Alexandre me serviu. Conversamos sobre o que consideramos como literatura e escrita teorizando tudo. Teorizar tudo era minha forma de resistência psicológica tentar achar uma teoria que explicasse o que eu estava sentindo. Terminei o *drink*, comi as frutas vermelhas embebidas de gim do fundo, e logo quis ir embora. Bebida e angústia do abandona não combinam bem comigo. Achei que eu ficaria mais, conversar mais, mas eu queria era ficar sozinho naquela noite de sábado. Não que a companhia de Alexandre e a conversa sobre literatura e seu processo de escrita não estivessem interessantes, mas eu era que não me sentia interessante. Voltei para meu apartamento, a temperatura caiu mais aqueles próximos dias, e o livro de Willer fervia na minha mesa com a cor de capa amarelo de “atenção”. Demorou duas semanas para que eu fosse ler o livro. A cabeça não ajudava, pesava pela angústia, e o trabalho a volta acumulava. Fui ler na semana seguinte quando percebi que novamente precisava firmar em mim o “Nunca mais voltei”. A leitura do livro foi arrebatadora. Não porque o livro confirmasse o que eu queria encontrar nas palavras, mas porque foi totalmente ao contrário do que eu queria que ele me dissesse. Por exemplo, com a frase-título “Nunca mais voltei” percebi a síntese, tão precisa como o apartamento e o formato do livro de Alexandre, que aquela frase-título do livro continha. Ela não me servia como uma malcriação que me faria depurar raiva. Ela era muito mais profunda e refinada: falava sobre empatia. E assim é todo o livro de Willer. Sobre como um escritor pode se colocar no lugar do outro e transmitir via literatura, para um outro, emoções, sentimentos, reflexões. Eu estava diante de um material em que Willer se propôs a entender o que o outro sente e nos devolve, por meio das personagens, sua reflexão, que de fundo, é sobre a felicidade: ela está no percurso.

O livro “Nunca mais voltei” de Alexandre Willer é uma reunião de contos e crônicas em que desfilam personagens não apenas interessantes, mas personagens significativos em que o autor nos

presenteia com o mais sensível gesto de empatia. É um livro que logo de cara identifiquei com um exemplo literário da ética de Aristóteles em que a felicidade não está ao final, mas ao meio de tudo, no caminho. É no meio do caminho de leitura do livro que a tal atrativa frase de “Nunca mais voltei” esta. É o texto mais significativo do livro. É ela não é um expurgo ou uma malcriação ao mundo como eu queria. É por ele que Willer me ensina sobre empatia. Ela é uma redenção em que a personagem, uma redenção pelo amor. O que aprendi com as palavras de Willer é que o amor está no percurso, no meio do caminho, em que o “nunca mais voltei” não é porque parei e amarguei, mas porque continuei acreditando no amor.

Isso é muito claro no conto que leva o título do livro. No conto “Nunca mais voltei”, Willer traz um enredo e uma personagem interessante. Um homem que acompanha o percurso da vida amorosa e dos casamentos, malfadados, das suas três irmãs. Se doa incondicionalmente a felicidade alheia sem ser notado ou levado a sério. Seus sentimentos e seus desejos não contam para quem o cerca. A personagem sente as dores e as delícias, sempre, das irmãs, mas não se permite, por pressões sociais, de sentir o que ele gostaria de sentir. O “Nunca mais voltei” entra na vida da personagem não como a frase de descaso, mas como uma empatia do autor com a felicidade da personagem central. “Nunca mais voltei” é a resposta na boca do autor para aquilo que ele sentiu na personagem e que não o libertava: que outros se colocassem no seu lugar. Willer faz isso pela personagem e nos mostra o que é ser invisível em uma sociedade heteronormativa que valores e sentimentos gays passam despercebidos ou quando são percebidos são desmerecidos.

A leitura do livro de Willer tem ressonâncias em mim. Participo na universidade em que sou professor que integra um projeto de empatia e humanização no ensino e educação em saúde coordenado por professoras da Escola da Saúde. Como professor ligado as questões literárias, me foi incumbido de formular e desenvolver com os estudantes uma oficina de como a literatura pode ser utilizada para desenvolvimento do olhar empático. Não hesitei em convidar o Alexandre para ser meu parceiro nessa oficina. Não havia lido nos últimos tempos algum texto que tivessem tido um olhar empático como aqueles textos do livro de Willer que haviam me despertado um olhar de me colocar no lugar do outro tão maltratado. Aquela personagem de Willer, em especial do conto “Nunca mais voltei”, havia me despertado esse olhar empático de que por mais doloroso que o desamor poderia parecer havia sempre uma nova chance de reviver uma nova história de amor. A maturidade de Willer

como homem gay, sujeito observador da sociedade e da nossa comunidade, escritor preciso havia me deslocado para aquele lugar. A nossa oficina de “Literatura e Empatia” aconteceu no dia 13 de outubro de 2020, durante duas horas, com dez estudantes, em que lemos e analisamos o conto principal do livro de Willer.

“Nunca mais voltei” de Alexandre Willer é um livro poderoso na literatura contemporânea, em especial LGBTQIA+ brasileira, não apenas por uma questão estilística e política da comunidade (o que já bastaria), mas pela potencia dos sentimentos que pode despertar no leitor e como essa leitura pode ajudar a influenciar outras leituras de mundo. A leitura de “Nunca mais voltei” ajudou na guinada importante no meu pensamento sobre o amor. Tenho certeza que pode despertar outras facetas de sentidos em mais outros leitores e críticos.

REFERÊNCIA

ELLIS, C.; ADAMS, T. E.; BOCHNER, A. P. Autoethnography: An Overview. Forum: Qualitative Social Research, v. 12, n. 1, p. 1-18, nov. 2010.

Recebido em 11/11/2020.

Aceito em 14/12/2020.